

MESTRADO INTEGRADO  
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

# Abertura da comunicação sobre a adoção e funcionamento parental: Perspetiva de adolescentes adotados

Mara Filipa Pinto da Rocha

**M**

2018



**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**ABERTURA DA COMUNICAÇÃO SOBRE A ADOÇÃO E  
FUNCIONAMENTO PARENTAL:  
PERSPETIVA DE ADOLESCENTES ADOTADOS**

**Mara Filipa Pinto da Rocha**

Junho de 2018

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da  
Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora  
*Maria Adelina Barbosa-Ducharne* (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referenciação. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Este estudo enquadra-se num projeto de investigação mais abrangente - “Dinâmicas familiares em adoção e desenvolvimento do adolescente adotado” - em curso no Grupo de Investigação e Intervenção em Acolhimento e Adoção (GIIAA) da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). Trata-se do projeto de Doutoramento em Psicologia de Isabel Sofia Costa, orientado pela Professora Doutora Maria Barbosa-Ducharne (FPCEUP) e coorientado pelo Professor Doutor Jesús Palacios (Universidade de Sevilha). Este projeto obteve a aprovação da Comissão de Ética da FPCEUP e da Comissão Nacional de Proteção de Dados (3226/2013), e para a sua realização foi assinado um Protocolo de Colaboração específica entre o Instituto de Segurança Social, Instituto Público (ISS, IP) e a FPCEUP. A presente investigação poderá contribuir para o enriquecimento do projeto de investigação mais amplo, no qual se insere, uma vez que incide na análise de duas variáveis de relação pais-filhos: a abertura da comunicação e o funcionamento parental, avaliadas na perspetiva do adolescente adotado.

A presente dissertação foi elaborada em formato de artigo a fim de facilitar a divulgação dos resultados obtidos neste estudo à comunidade científica e aos profissionais da área.

## **Agradecimentos**

A aventura de cinco anos está a um passo de acabar e muitos foram aqueles que de uma forma ou outra marcaram este percurso académico e me ajudaram a ultrapassar todas as dificuldades, contribuindo assim para a realização deste meu sonho.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria Adelina Barbosa-Ducharne, por ter despertado em mim o gosto por esta área, por me ter integrado no Grupo de Investigação e Intervenção no Acolhimento e Adoção (GIIAA), pelo incentivo, confiança e apoio científico.

Agradeço imenso à Joana Soares, pela orientação incansável, por ter acreditado em mim, por todo o apoio, paciência, disponibilidade e incentivo para fazer mais e melhor. Sem ti nada disto seria possível e nunca me vou esquecer o que fizeste por mim. Muito obrigada.

Agradeço à Isabel Sofia pela orientação, pela sua disponibilidade, suporte e palavras de motivação.

Agradeço à Carla, companheira neste longo percurso, pelos momentos de partilha de inseguranças e conquistas, pelas palavras de motivação.

Agradeço à Leandra, pela amizade e companhia ao longo do mestrado, pelos momentos de convívio e animação, pela paciência e compreensão.

Agradeço aos meus pais, por me incentivarem e me transmitirem a força para lutar pelos meus sonhos, por acreditarem em mim, me apoiarem incondicionalmente e estarem sempre presentes nos bons e maus momentos da minha vida.

Agradeço à minha irmã, por todo os seus conselhos, carinho, todo o apoio e confiança, por estar sempre presente em todos os momentos da minha vida e me orientar para as decisões e caminhos certos.

Agradeço ao Hugo, por todo o amor, todo o mimo, paciência, compreensão, por acreditar e confiar em mim, pelo suporte ao longo do meu percurso académico, por me acompanhar na luta pelos meus sonhos e por me fazer acordar todos os dias com um sorriso no rosto.

## Resumo

A adoção envolve um conjunto de desafios para os pais que adotam, uns relativos ao exercício da parentalidade, como o funcionamento parental, e outros específicos, relacionados, por exemplo, com a comunicação sobre a adoção. Embora a evidência científica sobre a abertura da comunicação sobre a adoção nas famílias adotivas seja abundante, a investigação sobre o funcionamento parental, na perspetiva dos adolescentes adotados, é mais escassa, não tendo sido ainda explorada a relação entre estas duas variáveis. Este estudo pretende contribuir para preencher esta lacuna na investigação, ao explorar a relação entre as diferentes dimensões do funcionamento parental em famílias adotivas e a abertura da comunicação familiar sobre a adoção, tendo como informantes os próprios adolescentes. Participaram neste estudo 85 adolescentes/jovens adultos adotados entre os 12-22 anos. Os dados foram recolhidos através da Escala de Estilos Parentais e a *Adoption Communication Openness Scale* (ACOS). Para dar resposta ao principal objetivo deste estudo, a estrutura fatorial da ACOS foi previamente explorada, tendo-se encontrado duas dimensões: abertura/conforto e desconforto na comunicação. Algumas relações significativas foram encontradas entre as variáveis em estudo e as variáveis sociodemográficas/de passado do adolescente. Globalmente, os resultados mostraram que, de acordo com os adolescentes, existe uma relação entre o funcionamento parental e a qualidade da comunicação sobre a adoção na família: quanto menor o controlo psicológico exercido pelos pais adotivos, maior a abertura/conforto e menor o desconforto na comunicação sobre a adoção, respetivamente. Estes resultados fornecem importantes implicações práticas, particularmente ao nível do conteúdo das formações para candidatos/pais adotivos.

*Palavras-chaves:* adoção, adolescentes/jovens adotados, funcionamento parental, abertura da comunicação sobre a adoção

## **Abstract**

Adoptive parents face a set of challenges related both with their parenting role as parents, such as their parental functioning, and adoption specific, such as the adoption communication task. Although research has already reach consistent conclusions on adoption communication, regarding parental functioning research is still scarce. Furthermore, there are no studies on the relationships between these two variables. Thus, this study aims to fill in this adoption research gap, by exploring, from the adolescents' perspective, the relationship between different dimensions of parental functioning and the openness on the adoption communication within the adoptive family. Eighty-five adolescent/young-adult adoptees aged 12 to 22 participated in this study. Data were collected using the Parenting Scales and the Adoption Communication Openness Scale (ACOS) with the adoptees. Before the data analysis, the factorial structure of ACOS was explored and two communication-related dimensions were found: openness/comfort and discomfort on adoption communication. Further, significant correlations/associations between the adoptees' characteristics/background and variables related to adoption communication and parental functioning were found. Overall, findings showed that, according to adolescents, the lower the adoptive parents' psychological control towards adolescents, the higher the openness and comfort and lower discomfort on family adoption communication. Relevant implications for practice, particularly related to contents to include in prospective adopters' preparation are drawn from the findings.

*Keywords:* adoption, adolescents / young adoptee, parental functioning, communication about adoption

## Introdução

A adoção é uma medida extrema de proteção à criança, cujo principal objetivo é proporcionar-lhe uma família capaz de assegurar um meio satisfatório para o seu desenvolvimento integral, dando resposta ao seu superior interesse e às suas necessidades específicas (Barbosa-Ducharne & Barroso, 2012; Palacios, 2009). Para além disso, a adoção tem sido apontada como uma intervenção natural de sucesso, por permitir a recuperação, total ou parcial, em diversas áreas do desenvolvimento, comprometidas pelo passado de adversidade (Juffer et al., 2011). Apesar das inúmeras mais-valias da adoção, esta acarreta também um conjunto de dificuldades e desafios, para a criança e para os pais. Estes desafios são, por um lado, os desafios comuns relativos ao exercício da parentalidade, e, por outro lado, desafios específicos das famílias adotivas, como o processo de comunicação sobre a adoção (Pinderhughes & Brodzinsky, *in press*). O objetivo central deste estudo é precisamente estudar a relação entre dois processos: um comum a todas as famílias, o funcionamento parental, e outro específico das famílias adotivas, a abertura da comunicação sobre adoção. Centra-se em famílias com filhos adolescentes e recorre aos próprios adolescentes como informantes.

A parentalidade associa-se à prestação de cuidados e à educação de crianças, que exige, quer das famílias ditas convencionais, quer das famílias por adoção, a construção de uma identidade parental e um conjunto de ajustes com a chegada de um filho (Cecílio & Scorsolini-Comin, 2013; Rosser-Limiñana, 2015). Nas famílias adotivas a parentalidade envolve a resposta a um conjunto de desafios desenvolvimentais específicos (Calvo, Palmieri, Codamo, Scampoli, & Bianco, 2015), como a reconstrução de vínculos (Román, Palacios, Moreno, & López, 2012), a revelação e comunicação sobre a adoção (Barbosa-Ducharne & Soares, 2016) e a busca das origens (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). Estes desafios específicos podem criar tensão no seio familiar, perturbar o seu funcionamento e afetar, direta ou indiretamente, o desenvolvimento e ajustamento das crianças/adolescentes (León, Palacios, Román, Moreno, & Peñarrubia, 2015).

A família é, simultaneamente, o contexto primordial para o exercício da parentalidade e o contexto de socialização mais significativo para a criança, privilegiando a aquisição de competências cruciais a um desenvolvimento saudável e equilibrado (Torío, Peña, & Rodríguez, 2008). Na abordagem empírica da parentalidade, torna-se essencial a caracterização das relações pais-filhos através de dimensões do funcionamento parental



(Oliva, Parra, Sanchez-Queija, & López, 2007). Para além das duas dimensões identificadas pioneiramente por Baumrind (1968), o *afeto* e *controle*, Oliva e colaboradores (2007), numa abordagem dimensional, identificaram outras dimensões que se revelaram estar associadas ao ajustamento psicológico dos filhos, tais como, o *humor*, a *autorrevelação* e o *controle comportamental e psicológico*. A combinação destas dimensões possibilita a identificação de diferentes modos do funcionamento parental (Torío et al., 2008).

Oliva (2006) evidenciou que, de todas as dimensões, o *afeto e comunicação* - que implica envolvimento emocional, apoio, harmonia e coesão - é a mais pertinente para a caracterização do relacionamento entre os adolescentes e os pais. Apesar da dimensão do *afeto* ser distinta da dimensão da *comunicação*, ambas estão fortemente correlacionadas, sendo essa a razão para constituírem uma única dimensão (Oliva, 2006). A dimensão do *afeto e comunicação* correlacionou-se positivamente com o desenvolvimento e ajustamento do adolescente, estando, nas raparigas, positivamente relacionada com a autoestima (Oliva, 2006; Parra, Oliva, & Sánchez-Queija, 2004).

A *promoção da autonomia* traduz-se numa estratégia parental que tem como finalidade a promoção de pensamento crítico, a formação de opiniões e a tomada de decisão própria mediante opiniões e ideias divergentes (Oliva, 2006). Em culturas individualistas, à medida que os filhos vão progredindo na adolescência, a promoção parental da autonomia torna-se mais comum (Daddis & Smetana, 2005; Oliva, 2006). Esta dimensão do funcionamento parental traduz-se num ajustamento do adolescente, interno e externo, mais equilibrado (Oliva et al., 2007). Pelo contrário, os pais que não promovem autonomia nos filhos tendem a recorrer a estratégias, como o *controle psicológico*, para demonstrar a reprovação de um comportamento (Oliva, 2006).

No que diz respeito ao controle, alguns autores sugerem a distinção entre *controle comportamental* e *controle psicológico* uma vez que estas dimensões se associam a problemas emocionais distintos (Aunola & Nurmi, 2005; Barber, 1996). O primeiro diz respeito à monitorização e controle do comportamento dos filhos, e quando exercido em combinação com baixos níveis de *controle psicológico* pode reduzir problemas comportamentais em crianças em idade pré-escolar (Aunola & Nurmi, 2005; Barber, 1996). O *controle psicológico* refere-se ao tipo de controle intrusivo, que utiliza a retirada de afeto ou indução de culpa para a demonstração de reprovação de um comportamento dos filhos, e que surge associada a problemas de internalização e de externalização nos adolescentes (Oliva, Parra, & Enrique, 2008).

A dimensão da *autorrevelação* é entendida como uma forma dos filhos partilharem com os pais, por iniciativa própria, mais informação sobre si (Oliva et al., 2008). Finalmente, o *humor* caracteriza-se por uma atitude parental alegre e otimista na interação pais-filhos, e tem-se associado a bom índices de ajustamento interno e externo (Oliva et al., 2007).

Oliva e colaboradores (2007) não identificaram diferenças no funcionamento parental entre mães e pais. No entanto, Pereira, Barbosa-Ducharne, e Teixeira (2014), num estudo retrospectivo com jovens adultos, não-adotados, entre os 18 e 25 anos, mostraram que estes percecionaram as mães, comparativamente aos pais, como sendo menos controladoras, mais bem-humoradas, mais promotoras de autonomia e mais afetuosas e comunicativas. Por seu turno, Rosnati, Iafrate, e Scabini (2007) verificaram que os adolescentes, principalmente as filhas, quer em acolhimento familiar, com a família adotiva ou com a família biológica, percecionavam maior abertura na comunicação com a mãe do que com o pai. Farr, Grant-Marsney, e Grotevant (2014) corroboraram estes resultados apurando que adolescentes/jovens adultos adotados percecionaram uma comunicação significativamente mais aberta com a mãe do que com o pai.

Nas famílias por adoção, a comunicação reveste-se de um significado especial e diz respeito quer à revelação da adoção, quer ao processo de comunicação sobre a adoção/passado ao longo de toda a vida da família adotiva (Barbosa-Ducharne & Soares, 2016). Trata-se de um processo dinâmico que pretende dar resposta às necessidades de informação da criança ao longo do seu desenvolvimento. De acordo com o modelo teórico de Wrobel, Kohler, Grotevant, e McRoy (2003), este processo de comunicação sobre a adoção na família desenvolve-se em três fases distintas: partilha de informação com a criança, respostas às questões e curiosidade dos filhos e procura ativa e autónoma de informação por parte dos filhos de forma a satisfazer a sua curiosidade. Esta última fase coincide, normalmente, com a adolescência, altura em que abertura da comunicação sobre a adoção assume uma maior relevância, devido à fase de construção de identidade (Barbosa-Ducharne, Ferreira, Soares, & Barroso, 2015).

Uma comunicação aberta sobre a adoção refere-se, mais do que à quantidade de informação partilhada, à qualidade com que esta interação pais-filhos ocorre, e ao clima emocional inerente a estas oportunidades de comunicação (Colaner & Soliz, 2015). Ainda que com crianças, e não com adolescentes, Soares, Barbosa-Ducharne, Palacios, e Pacheco (2017) mostraram a importância da qualidade da comunicação na predição da regulação emocional da criança adotada, revelando-se esta variável uma mediadora da relação entre o padrão familiar de reconhecimento/rejeição das diferenças entre família adotivas e

convencionais e a regulação/labilidade emocional da criança adotada. Martins (2017), considerando quer a perspetiva dos pais, quer a perspetiva da criança adotada, e fazendo um estudo diádico sobre a comunicação sobre a adoção, verificou que as maiores discrepâncias entre pais e filhos se observavam ao nível da leitura das emoções do outro (conforto, satisfação, sentimentos, ...), durante o processo de comunicação sobre a adoção. De facto, a não-comunicação por parte dos pais reflete-se num maior desconforto dos filhos em abordar o tema, o que por sua vez é interpretado pelos pais como falta de curiosidade e conduz à desvalorização da comunicação, e ao estabelecimento de um ciclo de comunicação fechada entre pais e filhos acerca da adoção (Palacios & Sánchez-Sandoval, 2005).

O desenvolvimento de um padrão familiar de comunicação aberta sobre a adoção favorece o bem-estar individual em adultos adotados, e quanto maior a abertura da comunicação familiar, menor é a preocupação dos adotados relativamente à adoção (Horstman, Colaner, & Rittenour, 2016). Em adolescentes adotados da Roménia, verificou-se que uma maior abertura na comunicação se associava positivamente com a perceção da identidade adotiva (Le Mare & Audet, 2011). No estudo de Hawkins e colaboradores (2007), os adolescentes adotados que perceberam maior satisfação na abertura de comunicação com os pais, revelaram maior autoestima, e os pais neste estudo revelaram também maior conforto na comunicação sobre a adoção.

A abertura na comunicação sobre a adoção tem sido avaliada através de entrevistas, mas também através de questionários de autorrelato que procuram medir não só a abertura na comunicação sobre a adoção percebida pelos adolescentes, como também procuram avaliar em que medida os adolescentes se sentem confortáveis ou não em falar com os seus pais sobre a adoção (Brodzinsky, 2006). Baseando-se na escala proposta por Barnes e Olson (1985) para avaliar a comunicação entre pais e adolescentes não adotados, Brodzinsky (2006) desenvolveu uma escala de autorrelato (*Adoption Communication Openness Scale - ACOS*) para avaliar a perceção dos filhos da abertura e conforto na comunicação sobre a adoção. Num estudo posterior, Grotevant, Rueter, Wrobel, e von Korff (2009) utilizaram a escala desenvolvida por Brodzinsky (2006) e aplicaram o questionário com os mesmos itens separadamente para a mãe e para o pai. Recentemente, Aramburu et al. (2015) traduziram e validaram a escala para a população espanhola, numa amostra de adolescentes adotados.

## 1. Presente Estudo

O padrão de comunicação sobre a adoção estabelecido entre pais e filhos revelou-se um fator fundamental para o sucesso da adoção (Brodzinsky, 2006; Palacios, & Brodzinsky, 2010; Rueter & Koerner, 2008). Contudo, a relação entre a abertura na comunicação sobre a adoção e o funcionamento parental mais global não foi ainda objeto de análise. O presente estudo pretende explorar as relações entre as diferentes dimensões do funcionamento parental e a tarefa específica da comunicação sobre a adoção nas famílias adotivas, em famílias com filhos adolescentes, e tendo como informantes os próprios adolescentes. Para tal, tem como objetivos específicos: 1) explorar a estrutura fatorial da ACOS (Brodzinsky, 2006) de forma a encontrar constructos latentes inerentes ao processo de comunicação sobre a adoção, considerando um conjunto de itens relativos aos pais e às mães, e à postura de cada um deles neste processo, avaliados segundo a perspetiva do próprio adolescente; 2) comparar mães e pais quanto à postura na comunicação sobre a adoção (dimensões obtidas na análise fatorial exploratória - AFE), de acordo com a perspetiva do adolescente; 3) estudar a relação entre as dimensões do processo de comunicação sobre a adoção e as variáveis de caracterização do adolescente e do seu passado (e.g., idade do adolescente no momento da entrevista/de adoção, o tempo de permanência em instituição/ em família de acolhimento, etc.); 4) estudar a perspetiva do adolescente quanto às dimensões *afeto e comunicação, promoção de autonomia, controlo comportamental, controlo psicológico, autorrevelação e humor* do funcionamento parental, comparando para cada uma delas o funcionamento parental de mães e pais; 5) explorar relações entre as dimensões do funcionamento parental e as características sociodemográficas e circunstâncias do passado do adolescente; 6) analisar as relações entre o funcionamento parental, nas suas diferentes dimensões avaliadas, e a abertura da comunicação sobre a adoção, nas dimensões obtidas através da AFE.

## Estudo empírico

### 1. Método

#### 1.1. Participantes

No presente estudo participaram 85 adolescentes/jovens adultos adotados, 42 do sexo masculino (49.4%) e 43 do sexo feminino (50.6%), com idades compreendidas entre os 12 e os 22 anos de idade ( $M = 15.25$ ,  $DP = 2.47$ ) e com 9.44 anos de escolaridade, em média ( $DP = 2.43$ , Min. = 6.00, Máx. = 17.00). Antes da adoção, estes adolescentes tinham vivido, em média, 18.14 meses com a família biológica ( $DP = 23.41$ , Min. = 0.00, Máx. = 96.00), onde 32 foram negligenciados (37.6%), 12 foram abandonados (14.1%), 10 sofreram maus-tratos (11.8%) e um foi vítima de violação (1.2%). Para quatro adolescentes (4.7%) não havia informação sobre o tipo de adversidade vivida na família biológica e 26 (30.6%) não tiveram experiências de vivência com esta. Estes adolescentes tinham vivido, em média, 30.43 meses ( $DP = 24.86$ , Min. = 1.00, Máx. = 132.00) em acolhimento previamente à adoção, sendo que 54 adolescentes estiveram em acolhimento residencial (63.5%) e 26 (30.6%) em família de acolhimento (para cinco [5.9%] não há informação sobre qual foi o tipo de acolhimento). Os adolescentes que viveram em acolhimento residencial estiveram acolhidos, em média, 32.02 meses ( $DP = 26.35$ , Min. = 2.00, Máx. = 132.00). Por sua vez, os adolescentes que viveram em família de acolhimento permaneceram lá, em média, durante 27.41 meses ( $DP = 21.56$ , Min. = 1.00, Máx. = 90.00). Os adolescentes foram adotados nacionalmente, 67 (78.8%) por famílias biparentais e 18 (21.2%) por famílias monoparentais, quando tinham em média, 4.32 anos ( $DP = 3.40$ , Min. = 0.00, Máx. = 17.00), sendo que 32 foram adotados com menos de 3 anos de idade (37.6%), 30 entre os 3 e os 5 anos (35.3%) e 23 foram adotados com idade igual ou superior a 6 anos (27.1%). No momento da entrevista, os participantes tinham sido adotados, em média, há 10.93 anos ( $DP = 3.86$ , Min. = 2.00, Máx. = 21.50).

#### 1.2 Instrumentos

***Adoption Communication Openness Scale (ACOS)***. Neste estudo foi utilizada a tradução da escala de autorrelato ACOS (Brodzinsky, 2006), para avaliar a perceção dos adolescentes em relação à abertura da comunicação sobre a adoção com cada uma das figuras parentais adotivas. O questionário é composto por 28 itens, os primeiros 14 itens são relativos à mãe e os restantes 14 itens são relativos ao pai, pontuados numa escala tipo *Likert*

de 5 pontos (1 = *discordo totalmente* a 5 = *concordo totalmente*). Alguns exemplos da escala são: “A/o minha/meu mãe/pai é um/a bom/a ouvinte quando eu falo dos meus pensamentos e sentimentos sobre ser adotado”, “A/O minha/meu mãe/pai tem dificuldade em entender o meu ponto de vista sobre a adoção”, “Se há algo que preciso de saber sobre a minha adoção, a/o minha/meu mãe/pai está sempre lá//sempre disponível para tentar responder às minhas questões”. No estudo de Brodzinsky (2006) com crianças adotadas, com 8-13 anos de idade, a escala apresentou, como medida de consistência interna, um bom *alpha* de Cronbach ( $\alpha = .79$ ), à semelhança do que aconteceu no estudo de Aramburu e colaboradores (2015) com adolescentes adotados, com idades entre os 12 e 18 anos ( $\alpha = .93$ ). Tendo em conta que não existe uma estrutura fatorial estudada para a versão portuguesa deste instrumento, este é um dos objetivos do presente estudo.

**Escala de Estilos Parentais.** A fim de estudar as diferentes dimensões do funcionamento parental foi usada a Escala de Estilos Parentais desenvolvida por Oliva e colaboradores (2007), que avalia, de forma independente para a mãe e para o pai, a relação dos adolescentes com cada uma das figuras parentais (os itens para a mãe e para o pai são iguais). Cada um dos 41 itens é avaliado numa escala tipo *Likert* de 6 pontos (1 = *totalmente em desacordo* a 6 = *totalmente de acordo*), que se organizam em seis dimensões do funcionamento parental: *afeto e comunicação* (8 itens; e.g., “Se eu tiver algum problema posso contar com a sua ajuda.”), *promoção da autonomia* (8 itens; e.g., “Encoraja-me a tomar as minhas próprias decisões.”), *controle comportamental* (6 itens; e.g., “Coloca limites quanto à hora a que devo chegar a casa.”), *controle psicológico* (8 itens; e.g., “Tenta controlar continuamente a minha forma de ser e pensar.”), *autorrevelação* (5 itens; e.g., “Conto-lhe o meu desempenho nas diferentes disciplinas, mesmo que não me pergunte.”) e *humor* (6 itens; e.g., “É, quase sempre, uma pessoa alegre e otimista.”). As diferentes dimensões do pai e da mãe apresentaram uma boa consistência interna: *afeto e comunicação*  $\alpha_{\text{mãe}} = .88$ ,  $\alpha_{\text{pai}} = .90$ ; *promoção da autonomia*  $\alpha_{\text{mãe}} = .83$ ,  $\alpha_{\text{pai}} = .83$ ; *controle comportamental*  $\alpha_{\text{mãe}} = .76$ ,  $\alpha_{\text{pai}} = .78$ ; *controle psicológico*  $\alpha_{\text{mãe}} = .80$ ,  $\alpha_{\text{pai}} = .80$ ; *autorrevelação*  $\alpha_{\text{mãe}} = .83$ ,  $\alpha_{\text{pai}} = .85$ ; *humor*  $\alpha_{\text{mãe}} = .82$ ,  $\alpha_{\text{pai}} = .82$ .

### 1.3 Procedimentos

**Procedimentos de seleção da amostra.** No âmbito do projeto de investigação mais abrangente, onde se enquadra este estudo, o ISS, IP procedeu à identificação das famílias adotivas que preenchiam os dois critérios de seleção da amostra: a) idade dos adotados entre os 12 e 22 anos no momento da recolha de dados; b) adoção decretada há mais de um ano,

de forma a que a família tivesse um tempo razoável para se conseguir reorganizar e estabelecer um novo equilíbrio familiar. De forma a garantir a confidencialidade das famílias, os profissionais do ISS, IP estabeleceram o primeiro contacto com as famílias com vista a perceber a receptividade das mesmas à participação. No momento da seleção da amostra existiam 410 famílias adotivas que preenchiam os critérios previamente estabelecidos. Destas foram aleatoriamente contactadas 120 famílias adotivas, sendo que apenas 85 aceitaram participar, o que representa 20.73% de todas as potenciais famílias participantes.

**Procedimentos de recolha de dados.** Em conformidade com a preferência da família, as recolhas decorreram em duas visitas no domicílio familiar, onde pais e filhos foram entrevistados separadamente por investigadoras pertencentes ao GIIAA. Os dados foram recolhidos salvaguardando todos os princípios éticos. Antes da condução das entrevistas, os pais adotivos assinaram uma declaração de consentimento informado autorizando a investigação, a sua participação e a dos seus filhos adolescentes. A investigação mais ampla inclui um vasto protocolo de instrumentos, mas neste estudo serão apenas explorados os resultados relativos a dois questionários de autorrelato dos adolescentes, já descritos anteriormente.

**Procedimentos de análise de dados.** Os dados foram analisados através do IMB SPSS *Statistics* para *Windows*, versão 25.0 (IBM Corp. Released, 2017). Numa análise prévia dos dados foi explorada a existência de *outliers*, tendo como critério de exclusão valores Z superiores a |3|, e foi garantida a distribuição normal das variáveis recorrendo aos pressupostos de valores de assimetria menores que |3| e curtose menores que |8| (Kline, 2011). Não foram identificados *outliers* extremos e todas as variáveis exploradas exibiram uma distribuição univariada normal.

Para explorar a estrutura fatorial da ACOS recorreu-se à análise fatorial exploratória (AFE), considerando de forma independente os itens relativos à mãe (itens 1 a 14) e os itens relativos ao pai (15 a 28). Como método de extração foi utilizada a análise fatorial comum (AFC) com rotação ortogonal de tipo varimax. Como critério para o número de fatores a extrair foi usado o critério de Kaiser, de valores próprios (*eigenvalues*) superiores a um, complementado pela análise gráfica dos mesmos (*scree plot*). Para garantir a adequação da amostra final para a análise foi utilizada a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). A solução fatorial referente aos itens da mãe (ver Tabela 1) apresentou um KMO = .90, considerado por Field (2009) como excelente. O teste de esfericidade de Bartlett,  $\chi^2(91) = 754.49$ ,  $p < .001$ , mostrou que as correlações entre os itens (da mãe) são suficientemente altas para a

execução desta análise estatística. Relativamente à solução fatorial para os itens do pai (ver Tabela 2), e seguindo os critérios de Field (2009), a amostra final é boa,  $KMO = .84$ . O teste de esfericidade de Bartlett,  $\chi^2(66) = 651.760$ ,  $p < .001$ , mostrou-se significativo, provando que as correlações entre os itens são suficientemente altas para a execução desta análise estatística. Em ambas as AFE foram ainda assegurados os seguintes pressupostos: valores da diagonal anti-imagem superiores a .50, comunalidades iguais ou superiores a .50 e saturações/pesos fatoriais acima de .40. Na AFE do pai foram eliminados dois itens: o item 20 (“Posso dizer ao meu pai aquilo que realmente sinto e penso sobre ser adotado (a), e acerca dos meus pais biológicos, sem me sentir desconfortável, envergonhado (a) ou pouco à vontade”) por saturar em dois fatores, com cargas fatoriais com uma diferença menor de .10, e o item 23 (“Sinto-me muito desconfortável/pouco à vontade quando falo com o meu pai sobre os meus pais biológicos”) por apresentar comunalidades abaixo de .50.

Os fatores obtidos de forma independente para as mães e para os pais foram comparados com recurso ao teste  $t$  para amostras emparelhadas. O mesmo procedimento foi usado para comparar as dimensões do funcionamento parental, das mães e dos pais. Posteriormente, utilizaram-se correlações bivariadas  $r$  de *Pearson* de forma a estudar as relações entre as diferentes variáveis métricas em estudo. Foram também estudadas as diferenças de médias na abertura/desconforto na comunicação sobre a adoção e nas dimensões do funcionamento parental em função do sexo, tipo de acolhimento e tipo de família, com recurso ao teste  $t$  para amostras independentes. Para estudar as diferenças de médias, nas dimensões do funcionamento parental e da comunicação, em função da idade e idade de adoção em categorias, recorreu-se à ANOVA a um fator. Após testada a homogeneidade das variâncias (Teste de *Levene*), foi utilizado o teste *post-hoc* de Gabriel, devido à diferença de  $n$  entre grupos (Field, 2009).

## **2. Resultados**

### **2.1. Comunicação Sobre a Adoção: Estrutura Fatorial da ACOS**

Foram realizadas duas AFE, considerando de forma independente os itens relativos à mãe (itens 1 a 14) e os itens relativos ao pai (15 a 28). Na AFE relacionada com a mãe ( $n = 82$ ) foram identificados dois fatores que explicaram 60.00% da variância total. O primeiro fator denominado por “Abertura/Conforto da comunicação sobre a adoção” ( $M = 3.73$ ,  $SD = 1.20$ ,  $\alpha = .94$ ) é composto por 10 itens (ver Tabela 1) e explica 41.56% da variância. O segundo fator, chamado “Desconforto na comunicação sobre a adoção” ( $M = 2.30$ ,  $SD =$



1.18,  $\alpha = .80$ ) é constituído por quatro itens (descritos na Tabela 1) e explica 18.45% da variância. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o primeiro e segundo fator da mãe,  $t(81) = 6.43, p < .001, d = 1.21$ , IC a 95% [ 0.99, 1.88]. Os dois fatores encontram-se negativamente correlacionados ( $r = -.44, p < .001$ ).

“Inserir Tabela 1”

A AFE relativa aos itens dirigidos ao pai ( $n = 70$ ) permitiu extrair também dois fatores que explicaram 65.92% da variância total. O primeiro fator é composto por nove dos 10 itens que constituem o primeiro fator da mãe (ver Tabela 2), explica 45.62% da variância e foi igualmente denominado por “Abertura/conforto da comunicação sobre a adoção” ( $M = 3.61, SD = 1.23, \alpha = .94$ ). O segundo fator, é composto por três dos quatro itens da solução da mãe (ver Tabela 2), explica 20.30% da variância e foi chamado “Desconforto na comunicação sobre a adoção” ( $M = 2.30, SD = 1.29, \alpha = .84$ ). Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre o primeiro e o segundo fator do pai,  $t(69) = 5.20, p < .001, d = 1.04$ , IC a 95% [ 0.81, 1.81]. Os dois fatores encontram-se negativamente correlacionados ( $r = -.40, p < .001$ ).

“Inserir Tabela 2”

## **2.2. Abertura/Conforto e Desconforto na Comunicação sobre a Adoção: Comparação entre Pais e Mães**

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas na percepção dos adolescentes quanto à *Abertura/conforto da comunicação sobre a adoção* com cada uma das figuras parentais, mães e pais,  $t(69) = -0.15, ns$ , e os dois fatores (o relativo às mães e o relativos aos pais) estão altamente correlacionados ( $n = 70, r = .87, p < .001$ ). Do mesmo modo também não foram encontradas diferenças significativas entre pais e mães no que concerne ao fator *Desconforto na comunicação sobre a adoção*,  $t(69) = 0.48, ns$ , e a correlação entre eles é bastante forte ( $n = 70, r = .88, p < .001$ ).

Com base nestas correlações elevadas, os resultados apresentados em seguida foram analisados utilizando a média de mãe e pai para o fator *Abertura/conforto da comunicação sobre a adoção* ( $M = 3.74, DP = 1.16$ ) e para o fator *Desconforto na comunicação sobre a adoção* ( $M = 2.28, DP = 1.19$ ). Estas duas medidas refletem, por um lado, a percepção do adolescente quanto à abertura/conforto que existe na sua família quando se fala sobre a adoção/passado e, por outro lado, no desconforto nessa comunicação. Estas duas dimensões da comunicação estão negativamente correlacionadas ( $r = -.43, p < .001$ ) e as diferenças de médias são estatisticamente significativas,  $t(81) = 6.64, p < .001, d = 1.24$ , IC a 95% [1.02,

1.89], mostrando que a percepção do adolescente acerca da abertura e o conforto na comunicação sobre a adoção estabelecida na família é significativamente superior à sua percepção quanto ao desconforto nessa comunicação.

### **2.3. Abertura/Conforto e Desconforto na Comunicação sobre a Adoção: Relação com Variáveis de Caracterização Sociodemográfica/Passado dos Adolescentes**

**Abertura/conforto na comunicação sobre a adoção.** As correlações entre esta variável e as variáveis idade do adolescente, tempo de vivência com a família biológica, tempo de permanência em instituição, número de instituições, tempo de permanência em família de acolhimento, tempo total de vivência em acolhimento, idade de adoção e tempo de adoção (variáveis métricas) encontram-se descritas na Tabela 3. Observou-se apenas uma correlação significativa negativa entre a abertura/conforto na comunicação e o número de instituições por onde o adolescente tinha passado antes de ser adotado.

Verificou-se, contudo, que, quando analisadas as diferenças de médias na abertura/conforto em função da idade do adolescente, distribuída por classes etárias, estas diferiram significativamente,  $F(2, 79) = 3.41, p = .038, \eta_p^2 = 0.08$ , embora com uma dimensão de efeito baixa. Os adolescentes entre os 12-14 anos descreveram menor abertura/conforto na comunicação familiar sobre adoção ( $M = 3.44, DP = 1.20$ ), seguidos dos adolescentes/jovens adultos com mais de 18 anos ( $M = 3.81, DP = 1.38$ ), sendo os adolescentes entre os 15 e os 18 anos aqueles que perceberam maior abertura/conforto na comunicação sobre a adoção ( $M = 4.15, DP = 0.85$ ). As diferenças estatisticamente significativas observaram-se entre o grupo 12-14 e o grupo 15-18,  $p = .032$ , IC a 95% [-1.40, -0.05]. Adolescentes do sexo feminino *versus* masculino não percebem de forma diferente a abertura/conforto na comunicação sobre a adoção,  $t(80) = 0.28, ns$ .

A abertura/conforto dos pais na comunicação sobre a adoção diferiu também em função do tipo de acolhimento pré-adoção,  $t(75) = 3.41, p = .001, d = 0.76$ , IC a 95% [0.33, 1.25], bem como do tipo de família adotiva,  $t(80) = 2.09, p = .040, d = 0.59$ , IC a 95% [0.30, 1.23]. A abertura/conforto na comunicação sobre a adoção é maior nas famílias com adolescentes que estiveram em acolhimento familiar ( $M = 4.23, DP = 0.76$ ) do que nas famílias dos adolescentes que estiveram em acolhimento residencial ( $M = 3.44, DP = 1.25$ ). Além disso, a abertura e o conforto na comunicação é significativamente superior nas famílias monoparentais ( $M = 4.23, DP = 0.96$ ) do que nas famílias biparentais ( $M = 3.60, DP = 1.17$ ).

“Inserir Tabela 3”

**Desconforto na comunicação sobre a adoção.** As correlações entre o desconforto na comunicação e as variáveis sociodemográficas/do passado do adolescente (métricas) encontram-se descritas na Tabela 3. Foi encontrada uma correlação positiva significativa entre o desconforto na comunicação e o número de instituições por onde o adolescente passou antes da adoção, verificando-se que quanto maior o número de instituições, maior o desconforto na comunicação sobre a adoção. Os adolescentes que estiveram em acolhimento residencial perceberam maior desconforto nos pais na comunicação sobre a adoção ( $M = 2.55$ ,  $DP = 1.26$ ) do que os que estiveram em acolhimento familiar ( $M = 1.89$ ,  $DP = 0.92$ ),  $t(75) = 2.61$ ,  $p = .011$ ,  $d = 0.60$ , IC a 95% [0.16, 1.17].

Não se observaram diferenças na percepção dos adolescentes do desconforto dos pais na comunicação sobre a adoção em função do sexo dos adolescentes participantes,  $t(80) = -1.22$ ,  $ns$ , nem do tipo de família, monoparental ou biparental,  $t(80) = 0.93$ ,  $ns$ .

#### **2.4. Funcionamento Parental: Comparação entre Pais e Mães**

Apenas 57 adolescentes participantes responderam ao questionário de avaliação do funcionamento parental. Por esta razão, as análises subsequentes, que envolvam resultados obtidos através deste questionário, apresentarão um número de participantes inferior. Não se observaram diferenças estatisticamente significativas entre a amostra total ( $N = 85$ ) e a subamostra ( $n = 57$ ), em nenhum das variáveis de caracterização dos participantes.

Considerando que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões do funcionamento dos pais e das mães, e que as correlações, entre mães e pais, variaram entre .42 (*afeto e comunicação*) e .62 (*humor*), nos resultados a seguir apresentados foram usadas as médias de mães e pais, para cada uma das dimensões do funcionamento parental. As suas estatísticas descritivas, bem como as correlações entre as diferentes dimensões do funcionamento parental, encontram-se descritas na Tabela 3.

#### **2.5. Funcionamento Parental: Relação com Variáveis de Caracterização Sociodemográfica/Passado dos Adolescentes**

As correlações entre as dimensões do funcionamento parental e as variáveis de caracterização sociodemográfica/passado do adolescente encontram-se na Tabela 3. Como correlações significativas observou-se uma correlação negativa entre o *Afeto e Comunicação* dos pais e o tempo de permanência em instituição, observando-se que quanto mais tempo os adolescentes estiveram institucionalizados, menos afeto e comunicação percebem nos seus pais (ver Tabela 3). No que respeita ao tipo de acolhimento, os adolescentes que

estiveram em acolhimento familiar perceberam maior *Afeto e Comunicação* dos pais adotivos ( $M = 10.14$ ,  $DP = 1.68$ ),  $t(51) = 2.92$ ,  $p = .005$ ,  $d = 0.79$ , IC a 95% [0.53, 2.86], e maior *Humor* parental ( $M = 9.97$ ,  $DP = 1.79$ ),  $t(51) = 2.25$ ,  $p = .029$ ,  $d = 0.60$ , IC a 95% [0.15, 2.70], do que os que estiveram em acolhimento residencial ( $M = 8.45$ ,  $DP = 2.53$ ;  $M = 8.55$ ,  $DP = 2.81$ , respetivamente). Não foram encontradas diferenças nas restantes variáveis do funcionamento parental em função do tipo de acolhimento. O tempo total em sistema de acolhimento correlacionou-se significativamente com o *Afeto e Comunicação* dos pais, observando-se que quanto mais tempo o adolescente tinha estado em acolhimento (familiar e/ou institucional) menor a sua percepção de afeto e comunicação por parte dos pais. Contudo, esta variável não se correlacionou significativamente com mais nenhuma das dimensões do funcionamento parental (ver Tabela 3).

Não se observaram diferenças estatisticamente significativas em função do sexo dos adolescentes, em nenhuma das dimensões do funcionamento parental. Relativamente ao tipo de família, os adolescentes pertencentes a famílias biparentais perceberam maior *Afeto e Comunicação* ( $M = 9.70$ ,  $DP = 2.00$ ) dos pais,  $t(55) = 4.38$ ,  $p < .001$ ,  $d = 1.34$ , IC a 95% [1.62, 4.34], maior *Promoção de Autonomia* ( $M = 9.23$ ,  $DP = 2.19$ ),  $t(55) = 3.28$ ,  $p = .002$ ,  $d = 1.03$ , IC a 95% [0.93, 3.86], e mais *Humor* parental ( $M = 9.59$ ,  $DP = 2.22$ ),  $t(55) = 3.80$ ,  $p < .001$ ,  $d = 1.16$ , IC a 95% [1.35, 4.36], do que os adolescentes que se encontravam em famílias monoparentais ( $M = 6.73$ ,  $DP = 2.44$ ;  $M = 6.84$ ,  $DP = 2.45$ ;  $M = 6.74$ ,  $DP = 2.66$ , respetivamente). Não foram encontradas diferenças nas restantes variáveis do funcionamento parental em função do tipo de família.

## **2.6. Abertura/Conforto-Desconforto na Comunicação sobre a Adoção e Funcionamento Parental: Relações**

As correlações entre as dimensões do funcionamento parental e os dois fatores sobre a comunicação sobre a adoção encontram-se na matriz da Tabela 3. Verificou-se a existência de uma correlação significativa e negativa entre a *Abertura/conforto da comunicação sobre a adoção* e o *Controlo Psicológico* percebido pelos adolescentes, observando-se que quanto maior a abertura/conforto na comunicação sobre a adoção, menor o controlo psicológico exercido pelos pais, na perspetiva dos adolescentes. Observou-se uma correlação significativa e positiva entre o *Desconforto na comunicação sobre a adoção* e o *Controlo Psicológico*, verificando-se que quanto maior o desconforto na comunicação sobre a adoção, maior a percepção do adolescente de controlo psicológico exercido pelos pais. Todas as restantes correlações revelaram-se não significativas.

### 3. Discussão

O presente estudo tinha com principal objetivo explorar a relação entre o funcionamento parental em famílias adotivas e a abertura da comunicação sobre a adoção estabelecida na família, tendo como informantes os próprios adolescentes. Globalmente, as correlações revelaram-se não significativas, à exceção da relação entre a dimensão do funcionamento parental de controlo psicológico e o conforto/abertura *versus* desconforto existente na comunicação sobre a adoção.

Relativamente a estrutura fatorial da ACOS (Brodzinsky, 2006), numa amostra de adolescentes adotados portugueses, identificaram-se dois fatores - Abertura/Conforto na comunicação sobre a adoção e Desconforto na comunicação sobre a adoção -, diferentes da estrutura unifatorial obtida originalmente por Brodzinsky (2006). A estrutura fatorial encontrada no presente estudo difere igualmente da estrutura obtida por Aramburu e colaboradores (2015), com adolescentes espanhóis adotados internacionalmente. Para além de o contexto cultural ser diferente, os adolescentes portugueses foram adotados nacionalmente, e não internacionalmente, o que pode justificar as diferentes estruturas encontradas. Estes resultados reforçam a importância de estudar a estrutura fatorial do instrumento junto de adolescentes portugueses, ao invés de aplicar a solução obtida noutros países.

Ao comparar mães e pais quanto às duas dimensões da comunicação sobre a adoção, observou-se que os adolescentes/jovens adultos não percecionaram diferenças estatisticamente significativas entre as figuras parentais na abertura/conforto e no desconforto da comunicação sobre a adoção/passado. Este resultado vai contra resultados de estudos anteriores, que mostraram que adolescentes/jovens adultos adotados (Farr et al., 2014; Rosnati et al., 2007), e não-adotados portugueses (Pereira et al., 2014), percecionam a mãe como mais aberta na comunicação do que o pai. No entanto, é de salientar que o contexto cultural do estudo de Farr et al. (2014) e de Rosnati et al. (2007) é diferente e que Pereira e colaboradores (2014) procederam a um estudo retrospectivo com universitários não-adotados. Também se constatou, no presente estudo, que os adolescentes perceberam significativamente mais conforto na comunicação do que desconforto, corroborando os resultados do estudo de Hawkins e colaboradores (2007), no qual o conforto na comunicação sobre a adoção é indicador do bem-estar psicológico da maioria dos adolescentes participantes.

No que concerne à relação entre as dimensões do processo de comunicação sobre a adoção e as variáveis sociodemográficas e do passado dos adolescentes, verificou-se que os adolescentes entre os 15 e os 18 anos percecionavam significativamente mais abertura/conforto na comunicação sobre a adoção do que adolescentes entre os 12 e os 14 anos. Este resultado pode ser explicado através do modelo teórico desenvolvido por Wrobel et al. (2003) em que a comunicação é descrita como um processo dinâmico, intrafamiliar que se desenvolve com a necessidade de informação por parte do adolescente, ao longo do seu desenvolvimento. Dado que, segundo estes autores, na adolescência se inicia uma procura ativa e autónoma de informação, pode-se deduzir que estes veem a necessidade de informação já mais satisfeita e por isso revelarem maior conforto e abertura na comunicação sobre a adoção, enquanto que os mais novos (12-14 anos) ainda se encontram no início da procura e, deste modo, ainda estão sedentos de informação e percecionam esta como menos aberta. Além disso, constatou-se que quanto maior o número de instituições, menor era a percepção da abertura/conforto na comunicação dos pais e que os adolescentes que estiveram em acolhimento familiar percecionavam seus pais como mais abertos/confortáveis na comunicação sobre a adoção do que os adolescentes/jovens adultos que estiveram em acolhimento residencial. Estes resultados podem ser explicados através dos efeitos negativos do acolhimento residencial, em que o acolhimento residencial prolongado pode comprometer o desenvolvimento cognitivo/emocional (Juffer et al., 2011), e por sua vez também as competências de comunicação, bem como a relação pais-filhos e a partilha de emoções. Verificou-se ainda, maior abertura/conforto na comunicação estabelecida nas famílias monoparentais do que nas famílias biparentais. Considerando que as famílias monoparentais são predominantemente femininas, este resultado é coerente com os estudos que apontam maior abertura na comunicação sobre a adoção por parte das mães do que por parte dos pais (Farr et al., 2014; Rosnati et al., 2007).

Comparando mães e pais nas diferentes dimensões do funcionamento parental observou-se, conforme os resultados obtidos por Oliva e colaboradores (2007), que as figuras parentais não se diferenciaram significativamente em nenhuma das dimensões do funcionamento parental. A respeito da relação entre as dimensões do funcionamento parental e as variáveis sociodemográficas e do passado, verificou-se que adolescentes/jovens adultos que estiveram em acolhimento familiar percecionaram maior *afeto e comunicação* dos pais e maior *humor* parental do que os que estiveram em acolhimento residencial. Também se observou que quanto mais tempo os adolescentes/jovens adultos tinham estado em acolhimento (familiar e/ ou institucional) menor era a sua percepção de *afeto e comunicação*

por parte dos pais. Estes resultados podem ser explicados pela diferença de estrutura nos dois tipos de acolhimento. No acolhimento residencial, atendendo a diversidade de cuidadores é mais difícil o estabelecimento de uma relação e atenção individualizada. Assim, torna-se também mais difícil a transmissão de *afeto*, *comunicação* e *humor*. Em contrapartida, o acolhimento familiar tenta proporcionar à criança um meio mais privilegiado, facilitando assim o envolvimento *afetivo*, a *comunicação*, bem como o *humor*. Estes resultados indicam que o acolhimento familiar é preferível ao acolhimento residencial para o estabelecimento de *afeto*, *comunicação* e *humor*, mas que ambos os tipos de acolhimentos quando prolongados têm efeitos igualmente negativos.

Por fim, constatou-se que o desconforto na comunicação se relacionava com o controlo psicológico exercido pelos pais, ou seja, estratégias mais invasivas como o *controlo psicológico*, que envolvem a retirada de afeto e indução de culpa, têm um impacto significativo na percepção dos adolescentes no que se refere à abertura e conforto da comunicação sobre a adoção com os seus pais. Considerando que a abertura da comunicação sobre a adoção é essencial no seio das famílias adotivas para o sucesso da adoção (Brodzinsky, 2006; Palacios, & Brodzinsky, 2010; Rueter & Koerner, 2008), estes resultados apontam para a relevância do recurso a estratégias positivas no controlo e monitorização dos comportamentos dos filhos.

#### **4. Conclusão**

Considerando os resultados do presente estudo, foi possível concluir que: (1) existem dois constructos latentes inerentes ao processo de comunicação sobre a adoção, nomeadamente o conforto/abertura e desconforto na comunicação sobre a adoção; (2) de acordo com a perspetiva dos adolescentes, pais e mães não se diferenciam significativamente no conforto/abertura *versus* desconforto na comunicação sobre a adoção; (3) os adolescentes que estiveram em acolhimento familiar, que têm entre 15-18 anos de idade e que pertencem a famílias monoparentais percebem mais conforto na comunicação sobre a adoção na família; (4) de acordo com a perspetiva dos adolescentes, pais e mães não se diferenciam significativamente nas dimensões do funcionamento parental; (5) adolescentes/jovens adultos que estiveram em acolhimento familiar e que pertencem a famílias biparentais percebem maior *afeto e comunicação* e adolescentes que pertencem a famílias biparentais perceberam maior *promoção de autonomia e humor*; (7) adolescentes que perceberam abertura/conforto na comunicação sobre a adoção perceberam menor *controlo*

*psicológico*; os que percecionaram desconforto na comunicação sobre a adoção percecionaram maior *controlo psicológico*. De uma forma geral, os resultados deste estudo demonstraram a importância das estratégias adotadas pelos pais no conforto e abertura da comunicação sobre a adoção, sendo que estratégias mais invasivas, como o controlo psicológico, são menos favoráveis por causarem desconforto na abertura da comunicação sobre a adoção.

Apesar deste estudo apresentar algumas limitações, nomeadamente, utilizar apenas os adolescentes como informantes, este estudo é inovador nas questões abordadas. Particularmente, contribui para novos conhecimentos neste campo de investigação, uma vez que até a data nenhum estudo relacionou estas duas variáveis fundamentais para o desenvolvimento da identidade e bem-estar do adolescente/jovem adotado. Acresce ainda que este estudo utilizou instrumentos standardizados e avaliou a percepção dos adolescentes separadamente para pai e para mãe de forma a controlar um possível viés. Ainda que a fonte de informação tenha sido apenas o adolescente, este tem sido apontado na literatura como uma fonte de informação fiável (e.g., Xiao & Stanton, 2011).

Deste modo, este estudo mostra-se relevante para a prática, particularmente para a preparação/formação de candidatos e pais adotivos. Especificamente, considera-se que este podem ser importantes conteúdos a serem introduzidos/trabalhados no Plano de Formação em Adoção (PFA), particularmente ao nível de formação C, que se referem às formações para futuros pais adotivos de preparação para a parentalidade adotiva. Estes resultados podem ser uma mais valia ao serem incluídos nesta sessão por permitir aos potenciais pais adotivos refletir com base em resultados empíricos sobre as estratégias parentais promotoras de uma comunicação emocionalmente aberta e estratégias menos favoráveis a adotar com os adolescentes/jovens adultos adotados, contribuindo assim para o sucesso da adoção.



## Referências

- Aramburu, I., Salamero, M., Aznar, B., Pérez-Testor, C., Davins, M., Mirabent, V., & Brodzinsky, D. M. (2015). Preliminary validation of a Spanish language version of the Adoption Communication Scale in adopted adolescents. *Estudios de Psicología*, 36, 626-642. doi:10.1080/02109395.2015.1078551
- Aunola, K., & Nurmi, J. (2005). The role of parenting styles in children's problem behavior. *Child Development*, 76, 1144-1159. doi:10.1111/j.1467-8624.2005.00840.x-i1
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: Revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67, 3296-3319. doi:10.1111/j.1467-8624.1996.tb01915.x
- Barbosa-Ducharne, M., & Barroso, R. (2012). Análise intergeracional do processo de adoção: Avós, pais e filhos. *AMAzônica*, 8(1), 183-207. Retirado de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/.../2/86898.pdf>
- Barbosa-Ducharne, M., Ferreira, J., Soares, J., & Barroso, R. (2015). Parental perspectives on adoption communication within Portuguese adoptive families: Children/adolescents. *Family Science*, 6(1), 58-67. doi:10.1080/19424620.2015.1080994
- Barbosa-Ducharne, M., & Soares, J. (2016). Process of adoption communication openness in adoptive families: Adopters' perspective. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 29(1), 1-9. doi:10.1186/s41155-016-0024-x
- Barnes, H. L., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the Circumplex Model. *Child Development*, 56(2), 438-447. doi:10.1111/1467-8624.ep7251647
- Baumrind, D. (1968). Authoritarian vs. authoritative parental control. *Adolescence*, 3(11), 255-272. Retirado de <https://search.proquest.com/openview/1ab065f19552b3ec2e969b6f7044ce32/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1819054>
- Brodzinsky, D. M. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9(4), 1-18. doi:10.1300/J145v09n04\_01
- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Vol.1: Children and Parenting* (pp. 279-311). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- Calvo, V., Palmieri, A., Codamo, A., Scampoli, M. R., & Bianco, F. (2015). Perceptions of parental bonding, adult attachment, and marital adjustment in prospective adoptive parents. An empirical study in the pre-adoptive period. *Sexual & Relationship Therapy*, 30, 419-432. doi:10.1080/14681994.2014.1001355
- Cecílio, M. S., & Scorsolini-Comin, F. (2013). Parentalidades adotiva e biológica e suas repercussões nas dinâmicas conjugais. *Psico*, 44, 245-256. doi:10.1590/1982-3703003832015
- Colaner, C.W., & Soliz, J. (2015). A communication-based approach to adoptive identity: Theoretical and empirical support. *Communication Research*, 54, 1-27. doi:10.1177/0093650215577860
- Daddis, C., & Smetana, J. (2005). Middle-class African American families' expectations for adolescents' behavioural autonomy. *International Journal of Behavioral Development*, 29, 371-381. doi:10.1080/01650250500167053
- Farr, R. H., Grant-Marsney, H. A., & Grotevant, H. D. (2014). Adoptees' contact with birth parents in emerging adulthood: The role of adoption communication and attachment to adoptive parents. *Family Process*, 53, 656-671. doi:10.1111/famp.12069
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3<sup>rd</sup> edition). London: Sage Publications.
- Grotevant, H. D., Rueter, M., Wrobel, G. M., & von Korff, L. (2009). Minnesota Texas adoption research project: Summary of wave 3 methods. Retirado de [https://www.umass.edu/ruddchair/sites/default/files/w3\\_summary\\_of\\_methods\\_042509\\_final.pdf](https://www.umass.edu/ruddchair/sites/default/files/w3_summary_of_methods_042509_final.pdf)
- Hawkins, A., Beckett, C., Rutter, M., Castle, J., Colvert, E., Groothues, C., ... & Sonuga-Barke, E. (2007). Communicative openness about adoption and interest in contact in a sample of domestic and intercountry adolescent adoptees. *Adoption Quarterly*, 10(3/4), 131-156. doi:10.1080/10926750802163220
- Horstman, H. K., Colaner, C. W., & Rittenour, C. E. (2016). Contributing factors of adult adoptees' identity work and self-esteem: Family communication patterns and adoption-specific communication. *Journal of Family Communication*, 16, 263-276. doi:10.1080/15267431.2016.1181069
- IBM Corp. Released (2017). *IBM SPSS statistics for windows, version 25.0*. Armonk, NY: IBM Corp.
- Juffer, F., Palacios, J., Le Mare, L., Sonuga-Barke, E. S., Tieman, W., Bakermans-Kranenburg, M. J., ... & Verhulst, F. C. (2011). Development of adopted children

- with histories of early adversity. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 76(4), 31-61. doi:10.1111/j.1540-5834.2011.00627.x
- Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling*. New York: The Guilford Press.
- Le Mare, L., & Audet, K. (2011). Communicative openness in adoption, knowledge of culture of origin, and adoption identity in adolescents adopted from Romania. *Adoption Quarterly*, 14(3), 199-217. doi:10.1080/10926755.2011.608031
- León, E., Palacios, J., Román, M., Moreno, C., & Peñarrubia, M. G. (2015). Parental stress, family functioning and children's psychological adjustment in adoptive families: A comparative and longitudinal study. *Family Science*, 6(1), 50-57. doi:10.1080/19424620.2015.1080991
- Martins, M. F. (2017). *Comunicação diádica sobre a adoção: Perspetivas dos pais e dos filhos* (Dissertação de mestrado não publicada). FPCEUP, Porto.
- Oliva, A. (2006). Relaciones familiares y desarrollo adolescente. *Anuario de Psicología*, 37, 209-223. Retirado de <http://personal.us.es/oliva/Oliva1.pdf>
- Oliva, A., Parra, A., Sanchez-Queija, I., & López, F. (2007). Estilos educativos materno y paterno: Evaluación y relación con el ajuste adolescente. *Anales de Psicología*, 23(1), 49-56. doi:10.6018/23201
- Oliva, A., Parra, A., & Enrique, A. (2008). Estilos relacionales parentales y ajuste adolescente. *Infancia y Aprendizaje*. 31(1), 93-106. doi:10.1174/021037008783487093
- Palacios, J. (2009). La adopción como intervención y la intervención en adopción. *Papeles del psicólogo*, 30(1), 53-62. Retirado de <http://www.redalyc.org/pdf/778/77811388007.pdf>
- Palacios, J., & Brodzinsky, D. M. (2010). Adoption research: Trends, topics, outcomes. *International Journal of Behavioral Development*, 34(3), 270-284. doi:10.1177/0165025410362837
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2005). Beyond adopted/non-adopted comparisons. In D. M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption: Research and practice* (pp. 117-144). Westport, CT: Greenwood.
- Parra, Á., Oliva, A., & Sánchez-Queija, I. (2004). Evolución y determinantes de la autoestima durante los años adolescentes. *Anuario De Psicología*, 35, 331-346. Retirado de <https://www.raco.cat/index.php/anuariopsicologia/article/viewFile/61794/96259>

- Pereira, A. A., Barbosa-Ducharne, M., & Teixeira, P. M. (2014). Propriedades psicométricas da Escala de Percepção do Funcionamento Parental - Mãe e Pai. *Avaliação Psicológica*, 13(3), 447-455. Retirado de:  
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v13n3/v13n3a17.pdf>
- Pinderhughes, E. E. & Brodzinsky, D. M. (2019, in press). Parenting in adoptive families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* 3ed (Vol 1, pp xx-xxx). New York: Routledge.
- Román, M., Palacios, J., Moreno, C., & López, A. (2012). Attachment representations in internationally adopted children. *Attachment & Human Development*, 14, 585-600. doi:10.1080/14616734.2012.727257
- Rosnati, R., Iafrate, R., & Scabini, E. (2007). Parent-adolescent communication in foster, inter-country adoptive and biological Italian families: Gender and generational differences. *International Journal of Psychology*, 42(1), 36-45. doi:10.1080/00207590500412128
- Rosser-Limiñana, A. (2015). Características y retos de las familias adoptivas en su transición a la parentalidad. *Boletín Científico Sapiens Research*, 5(2), 13-20. Retirado de <http://www.srg.com.co/bcsr/index.php/BCSR/article/view/198/172>
- Rueter, M., & Koerner, A. (2008). The effect of family communication patterns on adopted adolescent adjustment. *Journal of Marriage and Family*, 70, 715-727. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00516.x
- Soares, J., Barbosa-Ducharne, M., Palacios, J., & Pacheco, A. (2017). Adopted children's emotion regulation: The role of parental attitudes and communication about adoption. *Psicothema*, 29(1), 49-54. doi:10.7334/psicothema2016.71
- Torío, S. L., Peña, J. V. C., & Rodríguez, M. C. M. (2008). Estilos educativos parentales. Revisión bibliográfica y reformulación teórica. *Teoría de la Educación. Revista Interuniversitaria*, 20, 151-178. Retirado de:  
[https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/71805/1/Estilos\\_educativos\\_parentales\\_revision\\_b.pdf](https://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/71805/1/Estilos_educativos_parentales_revision_b.pdf)
- Wrobel, G. M., Kohler, J. K., Grotevant, H. D., & McRoy, R. G. (2003). The Family Adoption Communication (FAC) Model: Identifying pathways of adoption-related communication. *Adoption Quarterly*, 7(2), 53-84. doi:10.1300/J145v07n02\_04
- Xiao, Z., Li, X., & Stanton, B. (2011). Perceptions of parent-adolescent communication within families: it is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16(1), 53-65. doi:10.1080/13548506.2010.521563

Tabela 1

*Estrutura Fatorial do Adoption Communication Openness Scale (ACOS): Itens da Mãe (N = 80)*

Itens	Pesos Fatoriais		Descritivas	
	Fator 1	Fator 2	M (DP)	Range
Se há algo que preciso de saber sobre a minha adoção, a minha mãe está sempre lá/sempe disponível para tentar responder às minhas questões (Item 11).	.89		4.04(1.44)	1-5
Estou muito satisfeito(a) com a forma como a minha mãe e eu falamos acerca dos meus sentimentos em relação ao facto de ser adotado(a) (Item 3).	.85		3.85(1.42)	1-5
Quando faço perguntas sobre a minha adoção ou sobre os meus pais biológicos, a minha mãe responde-me com sinceridade (Item 7).	.83		4.23(1.30)	1-5
A minha mãe é uma boa ouvinte quando eu falo dos meus pensamento e sentimentos sobre ser adotado (Item 1).	.78		3.95(1.45)	1-5
Se tenho problemas ou preocupações relacionadas com o fato de ser adotado(a), é fácil falar sobre isso com a minha mãe (Item 4).	.74		3.60(1.51)	1-5
A minha mãe contou-me tudo o que sabe sobre as razoes porque fui encaminhado(a) para a adoção (Item 12).	.70		3.73(1.47)	1-5
A minha mãe compreende o que eu sinto por ser adotado(a), sem ter que me perguntar (Item 8).	.69		3.67(1.43)	1-5
Posso dizer à minha mãe aquilo que realmente sinto e penso sobre ser adotado(a), e acerca dos meus pais biológicos, sem me sentir desconfortável, envergonhado(a) ou pouco à vontade (Item 6).	.68		3.59(1.39)	1-5
É fácil para mim exprimir os meus pensamentos e sentimentos sobre ser adotado(a), com a minha mãe (Item 10).	.66		3.41(1.52)	1-5
A minha mãe faz com que seja muito fácil para mim colocar questões sobre a minha adoção ou sobre os meus pais biológicos (Item 14).	.66		3.46(1.51)	1-5
Tenho muitos pensamentos e sentimentos sobre ser adotado(a), ou sobre os meus pais biológicos, que não posso contar à minha mãe (Item 13).		.79	2.35(1.60)	1-5
A minha mãe fica desconfortável/pouco à vontade quando faço questões sobre os meus pais biológicos (Item 5).		.67	2.18(1.37)	1-5
A minha mãe tem dificuldade em entender o meu ponto de vista sobre a adoção (Item 2).		.66	2.05(1.44)	1-5
Sinto-me muito desconfortável/pouco à vontade quando fala com a minha mãe sobre os meus pais biológicos (Item 9).		.61	2.64(1.51)	1-5

*Nota.* Fator 1: Abertura/Conforto na comunicação sobre a adoção; Fator 2: Desconforto na comunicação sobre a adoção. Itens foram avaliados numa escala tipo de *Likert* de 5 pontos (1 = *discordo totalmente*, 5 = *concordo totalmente*).

Tabela 2

*Estrutura Fatorial do Adoption Communication Openness Scale (ACOS):Itens do Pai (N = 70)*

Itens	Pesos Fatoriais		Descritivas	
	Fator 1	Fator 2	M (DP)	Range
Se há algo que preciso de saber sobre a minha adoção, o meu pai está sempre lá/sempre disponível para tentar responder às minhas questões (Item 25).	.84		3.80(1.50)	1-5
Estou muito satisfeito(a) com a forma como o meu pai e eu falamos acerca dos meus sentimentos em relação ao facto de ser adotado(a) (Item 17).	.83		3.64(1.46)	1-5
Se tenho problemas ou preocupações relacionadas com o fato de ser adotado(a), é fácil falar sobre isso com o meu pai (Item 18).	.82		3.43(1.46)	1-5
O meu pai é um bom ouvinte quando eu falo dos meus pensamento e sentimentos sobre ser adotado (Item 15).	.80		3.84(1.46)	1-5
É fácil para mim exprimir os meus pensamentos e sentimentos sobre ser adotado(a), com o meu pai (Item 24).	.79		3.49(1.47)	1-5
Quando faço perguntas sobre a minha adoção ou sobre os meus pais biológicos, o meu pai responde-me com sinceridade (Item 21).	.78		3.87(1.47)	1-5
O meu pai contou-me tudo o que sabe sobre as razões porque fui encaminhado(a) para a adoção (Item 26).	.72		3.65(1.44)	1-5
O meu pai compreende o que eu sinto por ser adotado(a), sem ter que me perguntar (Item 22).	.67		3.59(1.41)	1-5
O meu pai faz com que seja muito fácil para mim colocar questões sobre a minha adoção ou sobre os meus pais biológicos (Item 28).	.66		3.43(1.45)	1-5
O meu pai fica desconfortável/pouco à vontade quando faço questões sobre os meus pais biológicos (Item 19).		.90	2.33(1.38)	1-5
O meu pai tem dificuldade em entender o meu ponto de vista sobre a adoção (Item 16).		.77	2.23(1.51)	1-5
Tenho muitos pensamentos e sentimentos sobre ser adotado(a), ou sobre os meus pais biológicos, que não posso contar ao meu pai (Item 27).		.67	2.38(1.56)	1-5

*Nota.* Fator 1: Abertura/Conforto da comunicação sobre a adoção; Fator 2: Desconforto na comunicação sobre a adoção. Itens foram avaliados numa escala tipo de *Likert* de 5 pontos (1 = *discordo totalmente* até 5 = *concordo totalmente*)

Tabela 3

*Medidas Descritivas e Intercorrelações entre Todas as Variáveis em Estudo*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1	1															
2	.17	1														
3	.72**	.06	1													
4	.79**	.16	.24	1												
5	.76**	.01	.18	.40	1											
6	.65**	.004	.24*	.98**	.99**	1										
7	-.78**	.49**	-.60**	-.60**	-.60**	-.57**	1									
8	.25*	-.33**	.32**	.291*	-.31	.21	-.43**	1								
9	-.01	.17	-.17	.23	-.23	.03	.12	-.41**	1							
10	-.10	-.13	-.01	-.21	.36	-.03	.01	.24*	-.43**	1						
11	-.15	.04	-.16	-.34*	-.35	-.27*	.16	-.25	.14	.03	1					
12	-.03	-.02	-.06	-.23	-.12	-.15	.01	-.17	.10	.01	.83**	1				
13	-.23	-.20	-.15	.09	-.24	.08	.08	.03	.05	.05	.37**	.41**	1			
14	-.23	-.25	-.21	-.11	-.12	-.11	.05	.16	-.32*	.42**	-.06	-.24	.01	1		
15	-.24	-.07	-.12	-.27	-.10	-.17	.16	-.12	.06	.13	.60**	.58**	.39**	.013	1	
16	-.04	.05	-.04	-.24	-.04	-.19	.07	-.24	.16	.03	.85**	.88**	.28*	-.25	.57**	1
<i>M</i>	4.32	15.25	18.14	32.02	27.41	30.43	10.93	.69	3.74	2.28	9.08	8.73	8.97	5.50	7.38	8.99
<i>DP</i>	3.40	2.47	23.41	26.35	21.56	24.86	3.86	.56	1.16	1.19	2.41	2.43	2.36	2.20	2.51	2.58

*Nota.* 1- Idade de adoção; 2- Idade do adolescente no momento da entrevista; 3- O tempo de vivência com a família biológica; 4- O tempo de permanência em instituição; 5- O tempo de permanência em família de acolhimento; 6- O tempo total de vivência em sistema de acolhimento em meses; 7- Tempo de adoção ; 8- Numero de Instituições; 9- Abertura/conforto na comunicação sobre adoção; 10- Desconforto na comunicação sobre adoção; 11- Afeto e comunicação; 12- Promoção autonomia; 13- Controle comportamental; 14- Controle psicológico; 15- Autorrevelação; 16- Humor.

\* $p < .050$ . \*\* $p < .010$ .